

PMS	Foto	CLIN
BIO		
Jornal	A Tarde	
Data	14/30/99	
Caderno	Local	3
Seção		
Assunto		
Habitacões		

Invasão da Mangueira é o retrato da degradação

JAIR MENDONÇA

Foto: Gildo Lim

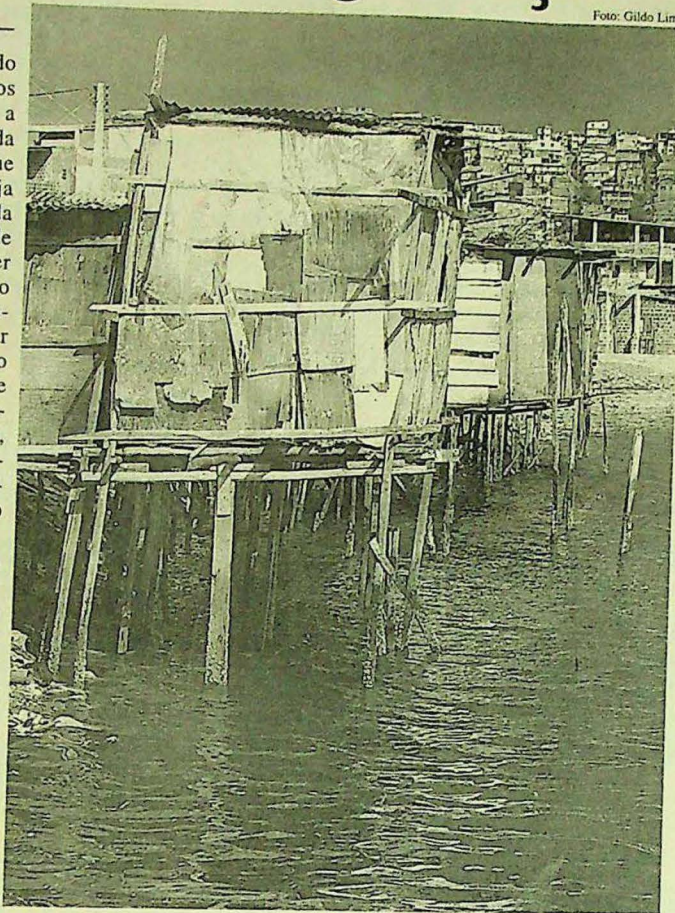
Gente vivendo ao lado de ratos que disputam os alimentos nas cozinhas a qualquer hora do dia e da noite. O mau cheiro que atormenta, enjoa e enoja na hora do almoço e da janta. Crianças que desde cedo aprendem a ser "equilibristas", andando sobre tábuas velhas e estreitas para não cair no mar de águas sujas. Esse é o cenário da comunidade de Mangueira, na Massaranduba, longe dos Alagados, mas onde cerca de 600 casas estão fincadas em madeiras, palafitas, abrigando milhares de pessoas.

"É o retrato do horror", diz a moradora Maria de Lourdes Pinho Lima, que há oito anos vive numa casa exatamente igual a todas as demais - feitas de tábuas velhas e telhas de amianto. O protesto nasce sempre em decorrência de uma série de problemas com que os moradores convivem. "É um fedor terrível", afirma Maria Lima, para quem viver no local é lutar contra tudo.

"Minha amiga, Risoleta Pinho de Oliveira, há três meses foi mordida por um rato que lhe atacou dentro de casa enquanto ela dormia".

Os relatos falam sempre de miséria. "É comum eu disputar meus alimentos com os ratos", afirma uma moradora, que não quis se identificar. "Isso é humilhante. Rebaixa ainda mais a nossa condição indigna de viver", justifica. Abaixo das casas há um acúmulo de garrafas plásticas e animais putrefados, que fazem do local uma constante fedentina.

Viver no local é um risco constante. "Todos os meus seis filhos já caíram das passarelas que ligam as casas", afirma Ana Lúcia Conceição Santos,



A invasão já conta com cerca de 600 barracos erguidos sobre palafitas

que agradece a Deus por nada de grave ter ocorrido com as crianças. "É Deus que ajuda", afirma. A mesma sorte não tiveram dois garotos que, no final do ano passado, caíram nas águas e morreram, segundo informaram os moradores.

Vida difícil

Para a moradora Anaílda Oliveira de Souza, há oito anos residindo na comunidade, a vida ali é "uma batalha". Batalha é criar seus seis filhos juntamente com o marido, ambos percebendo mensalmente um rendimento inferior a R\$ 300. "Tem que dar para tudo", afirma ela, explicando que outra dificulda-

de é o abastecimento de água. Os moradores vão se abastecer em locais distantes. As residências recebem energia elétrica através de "gato".

Anaílda relembra como foi morar nas palafitas. Comerciante de bijuterias, sempre morou em casa alugada. "Mas a situação apertou. A última casa que morei, fiquei sem pagar aluguel dois meses, a dona cortou a luz e a água e tivemos que sair. Viemos morar aqui". Anaílda não gosta de lembrar as dificuldades que já enfrentou nestes últimos anos. Também não gosta de prever o futuro. "Só poderemos sair deste local se o governo quiser", afirma.